O DESGASTE DO AMOR EM MEIO ÀS LÍQUIDAS RELAÇÕES

*** JOÃO CARLOS DUARTE.**

Historiador, Sociólogo, Advogado.

Professor nas Instituições: FADIPA e SEMINÁRIO CATÓLICO DE CARATINGA.

Sigmunt Bauman, sociólogo polonês nascido de pais judeus em 1925, professor emérito das universidades de Leeds e Varsóvia, em seu livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (Zahar, 2004, 190 páginas), emerge como um profundo conhecedor de nossos tempos, batizado por ele de modernidade líquida. Dono de uma vasta biografia, o sociólogo é capaz de deixar atônito o mais racional dos seres humanos: vivemos numa época que transpira a incerteza, o medo toma conta dos mais recônditos espaços sociais. Embebedado nos conceitos marxistas, Bauman realiza um diagnóstico social. Neste livro, tendo como objeto de análise as formas como o ser humano capta a realidade e objetiva-a nos relacionamentos.

Seus apontamentos no primeiro capítulo dialogam com Eric Fromm(1900-1980), especificamente os conceitos de princípio de qualidade existencial e o princípio quantitativo, onde o conflito entre o “*ser*” e o “*ter*” desembocam numa sociedade altamente consumista. Os reflexos desta dialética são projetados em-termo cunhado por Bauman- relacionamentos de bolso, onde há uma despersonalização do ser, enquanto indivíduo participante de dada sociedade, para ser transformado num mero objeto de consumo. Bauman justifica-se fazendo uma analogia entre os relacionamentos duradouros de tempos atrás, que foram esvaziando-se de valorização devido ao desgaste produzido entre dois seres dissidentes, e a descaracterização do conceito de permanência, antes com um sentido de segurança, desafio possível e saudável de ser enfrentado, para uma visão mais trágica: tudo que vem ser proposto a longo prazo cerceia, logo, impede-me de gozar o máximo possível das oportunidades no mercado. Quem põe luz às reflexões de Bauman é Gilles Lipovetsky (1944), dizendo que “no universo da pressa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a

fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi” (2004). Mesmo que Lipovetsky seja menos negativo ao falar da hipermodernidade, seu ponto de vista sobre as carências da realidade não se diferem em demasia do autor em estudo. “Apaixonar e desapaixonar-se” segue conceituando o amor, sentimento este intrínseco ao homem que, segundo Bauman, sofreu um forte desgasto devido aos solavancos de sentido. Numa sociedade hedonista, o amor é costumeiramente confundido com o ato sexual que, ao contrário do prometido pelas revoluções científicas e econômicas, constatou-se ser apenas uma pequena parcela do vasto universo da relação travada entre dois seres distintos, ligadas anteriormente pela ponte dos compromissos a longo prazo. Bauman detecta em suas análises sociais, uma adequação dos relacionamentos com o modelo de lucro das bolsas de valores: se meus lucros entram em declínio e vejo outras ações que acenam com um rendimento maior, descarto as descendentes, me apropriando das rentáveis. Perversões hodiernas que geram insegurança; segundo Renato Nunes Bittencourt, “não nos permitimos vivenciar o amor pleno, por medo de sermos usados no máximo de nossas capacidades e posteriormente descartados” (2013). Renato ainda é categórico ao explicar sobre Bauman, denunciando que “o sistema de vida alienante da cultura ocidental abalou as estruturas psicológicas dos indivíduos, promovendo assim a barbárie social e o afloramento da ansiedade perante tempos incertos” (Idem).

Depois de tratar os assuntos mencionados, Bauman, partindo da análise de seriados e conceitos etimológicos, aponta a saída encontrada pelas vítimas da modernidade líquida, que encontram temporário refúgio nos relacionamentos em rede, espaço que concede uma falaz experiência de liberdade e segurança, não encontrado numa sociedade sobre a Égide das ansiedades. A partir deste novo processo de tecer relações, não mais faz-se necessário, partindo do pensamento de Hannah Arendt(1906-1975), conscientizar-se da responsabilidade para com o mundo, pois não se está conectado, inserido. A grande diferença é que, no mundo real, quebrar vínculos indesejáveis requer tempo e desgaste das partes envolvidas. No relacionamento da conectividade, o que atrai nem tanto é o encurtamento dos espaços, mas o poder de desligar-se, desconectar-se quando a relação não atende mais aos meus caprichos. Com este arquétipo de relacionamento, o que mais deve

nos preocupar é a fragilização das personalidades e segundo Ralph Waldo Emerson (1803-1882), quando se patina sobre o gelo fino, a segurança está na velocidade.

No terceiro capítulo, intitulado “Sobre a dificuldade de amar o próximo”, somos impelidos a refletir- com as devidas dificuldades dum navegante primário- sobre a corrosão do valor que funda a sociedade, o princípio da convivência. O mandamento que regia este princípio, amar ao próximo como a ti mesmo, começa a tomar características de obsoleto, pois não é possível haver consumismo, sem que haja algo descartado. Assim, segundo Bauman, o atributo *sine qua non* de humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo. O postulado hobberiano serve-nos à compreensão, o homem é o lobo do homem. Quem ataca primeiro sobrevive. Impera o medo do outro, fazendo com que “os lares de muitas áreas urbanas do mundo agora existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas e suas comunidades” (p. 119). O produto da desconfiança é a mixobia, ou seja, a fobia de se misturar com outras pessoas. Tudo que escapa ao meu controle, como a individualidade dum outro totalmente diferente de mim, deve ser repellido, apreendido, extirpado.

Como prova para tais afirmações, notemos como as cidades tornam-se espaços em que estranhos permanecem e se movimentam em íntima e recíproca proximidade, como os projetos arquitetônicos investem pesado em transformar residências em fortalezas, com investimento pesado em segurança, cercas e grades. Bauman procura também nestas reflexões sociológicas, mostrar que vivemos o tempo todo com estranhos e isso é motivo de medo, insegurança, porque não sabemos calculadamente a forma como agirá meu vizinho. Procuramos, então, estabelecer regras de boa convivência, que incomodem o mínimo possível nosso cético e organizado mundo particular. “O estranho é a variável desconhecida em todas as equações calculadas quando se tomam decisões sobre o que fazer e como se comportar” (p.130). Instaura-se uma guerra silenciosa.

As possíveis soluções apresentadas por Bauman, apesar de seu constante pessimismo com a realidade, tem a ver com grandes reformas urbanas. Cabe frisar sua posição primeira, deixando claro que, “as reformas urbanas devem ser precedidas de uma reforma das condições de existência” (p.139-140). As alternativas são limitadas, pois os problemas enfrentados em nossas urbes são problemas globais, fazendo de nossos ambientes públicos reflexo da crise de valores. Ao aproximarmos Nietzsche (1844-1900) do pensamento sociológico em estudo, poderemos extrair deste maior eficiência nas soluções que urgem ser encontradas. Nas palavras de Claudemir Araldi, “sem o solo firme dos espíritos vinculados à comunidade, o filósofo solitário se sentiu muito isolado e viveu a experiência terrível do esvaziamento niilista da vida. Mas nasceu o desejo por novos vínculos, por uma comunidade de espíritos livres, por discípulos e amigos, que pudessem apreciar as criações do solitário” (2010). Podemos buscar em fontes nietzschianas possíveis respostas para transpor o drama da modernidade líquida. O homem chegou a tal esvaziamento da existência, com tanta perda de sentido, porque construiu uma idealização de si que não é capaz de alcançar, então se frustrou. É preciso fazer emergir o “super-homem” dentro em cada ser, que seja capaz de lidar com o instante supremo, ler a si mesmo e, se preciso, reler. O homem capaz de se superar, inventar-se a todo instante.

Enfim, ainda estamos sofrendo as consequências de soluções que engendraram seus próprios problemas. Muito há que se aprender nestes tempos de relacionamentos diluídos. A linguagem apresentada pelo autor não é simples, exigindo conhecimentos prévios de sociologia e erudição. Alguns termos de outras línguas não são traduzidos, dificultando a compreensão produtiva do assunto. Mas alcança seus objetivos, sendo fiel aos seus contemporâneos, de modo profundo e não sintético. Indubitavelmente, o livro é uma boa indicação de leitura, pois tem a capacidade de transportar-nos para a estrutura da sociedade sobre a qual estamos pisando.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir. **O niilismo como doença da vontade humana**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3702&secao=354>. 15|11|16

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **O Desafio de amar**. Filosofia Ciência e Vida, São Paulo. n.83, p.15-23, junho de 2013.

LIPOVETSKY, Guilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004